



A história de **FERNANDO RODRIGUES**, que mudou de vida aos 43 anos para ser ator

“Nunca é tarde para correr atrás dos sonhos, nem para os concretizar,,

O protagonista da novela “Quero é Viver” é pai de duas filhas, de 28 e 8 anos

Com 62 anos, Fernando Rodrigues é um ator com três amores. “O teatro será sempre o grande amor. O cinema é muito especial. E a televisão ocupa-me atualmente de forma muito intensa”, explica à Lux

“O sonho comanda a vida, como nos ensinou António Gedeão. Esta ideia funcionou para mim como uma espécie de mantra que me acompanha desde a infância, quando te-rei escutado a canção ‘Pedra Filosofal’ pelas primeiras vezes.” Fernando Rodrigues vem provar que a idade não é impedimento para sonhar. Aos 43 anos, mudou radicalmente de vida e descobriu que ser ator era o seu destino. Deixou para trás variadas profissões – trabalhou na indústria e nos serviços, entre outras áreas – e agarrou a oportunidade de se estrear no teatro. “Nunca mais deixei de pensar que tinha finalmente encontrado aquilo que toda a vida tinha procurado”, recorda. Em entrevista à Lux, o ator, de 62 anos, conta

a sua história e abre o coração para falar dos seus amores: a mulher, a atriz Alexandra Sargento, e as duas filhas, Marta e Simone. Mas comecemos pela experiência na novela da TVI “Quero é Viver”, na qual é um dos protagonistas.

Lux – Como tem corrido esta experiência?

Fernando Rodrigues – Tem sido uma experiência maravilhosamente desafiante. Tenho a honra de integrar um elenco de atores e atrizes de grande qualidade e isso está a contribuir de forma determinante para o meu enriquecimento enquanto ator. É um elenco que funciona como um corpo único, em que o prazer de trabalharmos em conjunto e o reconhecimento de que temos um extraordinário elemento de trabalho – o guião da Helena



“Trabalhar entre tantas mulheres, considerando que são extraordinárias atrizes, tem sido enriquecedor e prazenteiro,,



Fernando diz que “nunca” se arrependeu de mudar de vida para ser ator. “Quando olho para trás, sinto sempre que tudo valeu a pena”, considera

“Entre a indústria, os serviços, o empresariado e a emigração, creio que farão um total de 14 [profissões]. Fui operário fabril, por exemplo,,

Amaral – funciona como uma cola invisível, capaz de nos congregar neste objetivo comum de querermos fazer sempre o melhor que sabemos e podemos, amparados por uma equipa técnica inexecedível e com um conjunto de realizadores de grande gabarito, que inclui o coordenador do projeto, Manuel Amaro da Costa.

Lux – É uma novela muito associada ao universo feminino e com um elenco de muitas atrizes. Como tem sido trabalhar entre tantas mulheres?

F.R. – Sim, é uma novela cuja temática central aborda o empoderamento feminino, mas não só. Questiona e reflete sobre a igualdade de género, a diversidade e a inclusão, entre muitos outros temas de abordagem pertinente que compõem o nosso quotidiano. Trabalhar entre tantas mulheres, considerando que são, sem exceção, extraordinárias atrizes, tem sido simultaneamente enriquecedor e prazenteiro. Quando queremos contar uma história, normalmente reconhecemos o binómio protagonista/antagonista como sendo o fulcro de toda a trama, se queremos contar uma história de mulheres, e da sua luta, precisamos de homens na “oposição”, compondo uma espécie de referencial masculino de antagonismo. É isso que podemos esperar ver na composição da personagem Sérgio Lobo.

Lux – A novela também incide sobre as mudanças que podem ocorrer na vida das pessoas, em qualquer idade. Podemos fazer aqui uma comparação com a vida do Fernando, que se tornou ator depois dos 40?

F.R. – Sem dúvida. Ocorrem mudanças na vida das pessoas, em qualquer idade, e isso é inquestionável. No entanto, quantos de nós estão disponíveis para as assumir e interpretar? E de que forma? Nunca esquecendo que qualquer ação que empreendamos gerará a necessária reação, terá consequências. Mudanças de vida substanciais implicam que estejamos seguros e determinados. Creio que, no meu caso, teve muito a ver com a expectativa, que sempre mantive, relativamente ao que a vida me viesse a proporcionar e disponibilidade para “agarrar o momento”.

Lux – Acredita que a sua experiência pessoal vem confirmar que nunca é tarde para se correr atrás dos sonhos?

F.R. – Nunca é tarde para correr atrás dos sonhos, nem para os concretizar. “O sonho comanda a vida”, como nos ensinou António Gedeão. E esta ideia funcionou para mim como uma espécie de mantra que me acompanha desde a infância, quando terei escutado a canção “Pedra Filosofal” pelas primeiras vezes.

Lux – Conte-nos como é que a representação surgiu na sua vida aos 43 anos?

F.R. – Surgiu muito por influência de um grande amigo, o Paulo Moura, que fazia (e faz) teatro numa companhia de Tomar, os Fatias de Cá. Convidou-me para ir ver um espetáculo seu e, ainda hoje, não consigo verbalizar muito bem o que se passou comigo, mas entre outras sensações tive a impressão de que eu era dali, que sempre tinha sido dali, que era daquelas pessoas e elas eram de mim. Foi-me dada uma oportunidade pelo encenador Carlos Carvalheiro, não a desperdicei e foi um momento de superação indescritível. Nunca mais deixei de pensar que tinha finalmente encontrado aquilo que toda a vida tinha procurado. E lá fui, estrada fora...

Lux – Que outras profissões teve anteriormente?

F.R. – Muitas, mesmo. Entre a indústria, os serviços, o empresariado e a emigração, creio que farão um total de 14. Fui operário fabril, por exemplo, mas também fui responsável por um departamento de logística e compras num grande projeto metalomecânico internacional, que foi parcialmente fabricado em Portugal.

Lux – Foi difícil para si tomar a decisão de mudar de vida e ser ator?

F.R. – Como tinha encontrado algo que me atraía de forma irresistível – o teatro –, senti que nele também tinha encontrado o meu caminho ou, pelo menos, um outro caminho que não aquele que tinha trilhado até então, e fui naturalmente fazendo a transição. Tomada a decisão de me estabelecer definitivamente em Lisboa, a partir de 2011, a minha vida mudou de forma definitiva. A partir desse momento estava por minha conta provar que tinha direito a estar entre os atores e as atrizes com quem hoje em dia tenho o prazer de poder trabalhar. É claro que, como tudo na vida, não foi fácil.

Lux – Depois de tomar essa decisão, alguma vez se arrependeu?

F.R. – Nunca. E quando olho para trás, sinto sempre que tudo valeu a pena.

Lux – Sente que, por ter tido tantas experiências profissionais, é hoje um ator com muitas valias e horizontes mais abertos?

F.R. – Como disse antes, tudo valeu a pena. Naturalmente, as minhas múltiplas e diversificadas experiências profissionais fazem parte desse todo que valeu a pena. Quando recorremos ao imaginário na tentativa de composição de uma personagem, a experiência de vida também faz parte da equação, porque recorremos à memória. Sim, tenho uma memória bem preenchida, mas não tenho a certeza que isso se traduza numa “diferença” em relação aos meus colegas.

Lux – Tem feito teatro, cinema e televisão. Em qual destas três vertentes é mais feliz?

F.R. – Acho que podemos falar de três amo-



Na novela “Quero é Viver”, Fernando Rodrigues partilha o palco com muitas atrizes, entre elas São José Lapa, com quem faz par romântico

“Uma senhora taxista parou o táxi ao meu lado e gritou a plenos pulmões: ‘Nunca desista da Ana! Eu e o meu marido somos seus fãs!’,,



Em criança, o ator viveu em Angola, mas reconhece que é do Ribatejo que guarda “as melhores lembranças”. Porém, tenta não ficar agarrado ao passado: “Não vale a pena condicionar o presente com essas emoções, normalmente muito fortes”

“O Ribatejo é o meu referencial de crescimento por excelência. Fui ativista, associativista, desportista, mas nunca artista. Por lá me fiz homem,,

res. O teatro será sempre o grande amor. O cinema é, para mim, uma coisa muito especial. E a televisão ocupa-me atualmente de forma muito intensa, mas estou a adorar.

Lux – Quais foram os projetos que até agora mais o realizaram?

F.R. – Confesso que tenho a sorte de nunca ter feito nenhum projeto a contragosto. Como digo, tudo foi e é importante na minha aprendizagem e crescimento enquanto ator. Sinto cada projeto como uma dádiva, uma oportunidade de trabalhar no que mais gosto e quero.

Lux – Trabalhar na televisão traz-lhe uma visibilidade mais imediata no grande público. Como é que tem sido lidar com a popularidade?

F.R. – É verdade que “Quero é Viver” tem certamente contribuído para algum acréscimo de reconhecimento público, no entanto, estou de tal forma embrenhado na novela e com tão pouco tempo livre, que não tenho uma exata perceção da dimensão que esse aspeto possa ter atingido. Como tal, não me sinto nada famoso.

Lux – Que tipo de abordagens tem sentido na rua?

F.R. – Há uns tempos uma senhora taxista parou o seu táxi ao meu lado e gritou a plenos pulmões: “Olhe que você nunca desista da Ana! Eu e o meu marido somos seus fãs!”, exibiu um sorriso rasgado e arrancou com os seus clientes estrada fora. Para os menos atentos, a Ana é a personagem da São José Lapa, com quem tenho a honra de contracenar na nossa novela.

Lux – Falando um pouco sobre a sua história, cresceu em Angola e no Ribatejo. Como é que recorda a sua infância e juventude nestes dois locais?

F.R. – Não nasci em Angola, embora lá tenha vivido alguns anos da minha mais tenra infância. No entanto, o Ribatejo é o meu referencial de crescimento por excelência. Lá cresci, fui adolescente, experimentei a liberdade que me foi proporcionada pelo 25 de Abril de 1974, fui ativista, associativista, desportista, mas nunca artista. Por lá estudei e me fiz homem. De lá tenho as melhores lembranças: a família, os amigos, os caminhos, os odores, as vistas...

Lux – O que é que, hoje em dia, ainda guarda do Fernando dessa altura?

F.R. – Acho que guardo tudo. Porém, tento não fazer uma abordagem muito nostálgica dessas memórias. O tempo não volta e não vale a pena condicionar o presente com essas emoções, normalmente muito fortes.

Lux – Tem saudades desses tempos?

F.R. – Claro que sim. Quem não tem? Mas, como disse, essas memórias deverão ser utilizadas para nos estimular e não para nos



“A minha mulher é a minha parceira, a minha cúmplice, a minha confessora do indizível, a minha amante.”

“Esta coisa da idade tem o seu peso, mas também tem vantagens, digamos que sou um pai com a serenidade e a temperança de um avô,,

Fernando é feliz ao lado da também atriz Alexandra Sargento, com quem tem uma filha, Simone. É ainda pai de Marta, fruto de um relacionamento anterior



deprimir. Olhar para trás e sorrir é bom e saudável.

Lux – A nível familiar, é casado?

F.R. – Tenho uma companheira. É a Alexandra Sargento, também atriz. Não estamos “oficialmente” casados, mas vale o mesmo. Somos pais de uma maravilhosa menina, de 8 anos, a Simone. Da minha anterior relação tenho também uma outra filha maravilhosa, a Marta Rodrigues, de 28.

Lux – Que papel tem a sua mulher na sua vida?

F.R. – A minha mulher é a minha parceira, a minha cúmplice, a minha confessoria do indizível, a minha amante. Equilibramo-nos mutuamente. Juntos superámos tempos adversos e juntos esperamos por um futuro mais simples.

Lux – Como é que se descreve enquanto pai?

F.R. – Procuo ser um pai disponível, atento, interessado e sempre preocupado em passar uma mensagem de amor e da necessidade de fruir a vida.

Lux – Como é que viveu a experiência da paternidade das duas vezes, tendo o Fernando sido pai em idades tão diferentes?

F.R. – Foi maravilhoso ser pai, das duas vezes. Com a minha filha mais velha tenho uma relação muito forte e próxima. Adoramo-nos e estamos sempre disponíveis um para o outro. Com a mais pequena tem sido uma experiência muito curiosa, porque esta coisa da idade tem o seu peso, mas também tem vantagens, digamos que sou um pai com a serenidade e a temperança de um avô.

Lux – Como é que elas têm olhado para o pai ator, especialmente agora que está numa

novela e todos os dias aparece na televisão?

F.R. – Sinto que estão orgulhosas do seu pai. A mais velha, a Marta, viu-me começar a fazer teatro, ela mesma participou em algumas peças comigo, e sabe tudo o que fiz para chegar até aqui. O meu êxito, a tê-lo, também é dela.

Lux – Colocando os seus vários papéis numa balança, que peso é que tem a sua família para si?

F.R. – Considero-me um “homem de família”, penso que posso resumir assim.

Lux – Que sonhos é que tem por realizar?

F.R. – Todos e nenhuns, mas não quero morrer sem visitar os Açores. ■

texto Vasco Pereira (vascopereira@masemba.com) fotos Mariana Rocha
produção Brandfire styling Lucas Luz agradecimentos SMF / Showroom
Brandfire, Auditório dos Oceanos e Casino Estoril